

Entrevista a Manuela Barile, por Ana Isabel Freitas, Junho de 2013

Contacto via email.

O seu corpo de trabalho é maioritariamente em vídeo, quais as razões por preferir este meio? Sempre trabalhou em vídeo, ou na altura da sua formação utilizava outros meios?

A minha formação é de autodidata. Tudo aquilo que aprendi até agora foi graças as pessoas que encontrei no meu caminho. Chegai à arte através dos encontros que eu fiz ao longo da minha vida. Cada encontro para mim é uma revelação. O meu background é o canto. Venho da área da improvisação livre. Iniciei a exhibir-me como cantora e performer vocal a partir de 2002. No principio do meu percurso artístico a voz era o meu meio principal. Utilizava a voz para improvisar nos lugares, com tudo aquilo que encontrava nos lugares... os sons, os objetos, os elementos arquitectónicos... as paredes, o chão, as janelas, as cadeiras, as garrafas, etc... A coisa mais importante para mim naquela altura, era a relação com o publico, uma relação autêntica onde sentia a necessidade de partilhar o meu ponto de vista sobre o mundo, do porque estamos aqui, Sentia a urgência de mostrar os meus limites, de mostrar-me assim como era, sem artifícios e sem pensar-me como artista... porque eu mesma sou limite... o limite para mim mesma e o limite para os outros. Gostava muito do jogo livre da improvisação, de encontrar músicos e tocar com eles às vezes sem nos conhecermos, mas ao mesmo tempo sentia a urgência de desenvolver algo a solo para refletir sobre o sentido da vida. Desde sempre adoro cinema, da poesia do cinema, da capacidade que ele tem de mostrar e de recriar a realidade. Portanto contemporaneamente à prática do canto e da improvisação desenvolvi o meio do vídeo e escolhi o vídeo e não o cinema para uma questão de acessibilidade... técnica e económica... naquela altura interessava-me a performance e o vídeo servia-me como canal multissensorial para mostrar ao vivo a realidade e para dizer a verdade, a minha verdade sobre o estar ao mundo.

Qual a sua definição da palavra “performance”, e quais as diferenças que encontra entre o performativo e o teatral?

A performance é uma ação num determinado tempo e num determinado espaço que existe por via de uma intenção artística da parte dum individuo. Esta ação é experienciada em termos de relação. Através da performance, que em si é um ritual, o performer expressa aos outros a sua visão sobre o mundo e no fazer isso, ele cria valores... porque o espaço da performance em si o que é? O espaço da performance é o espaço do sagrado. E o performer o que é? é tempo, é limite. Portanto, tendo em conta disso, é evidente a distinção entre o teatro (tradicional) e a performance para mim... o teatro basicamente representa a vida, no entanto a performance é a vida mesma. Ou seja, na performance tu podes cortar-te um dedo se queres, podes transformar a realidade no instante em que tu estás a fazer esta ou aquela ação, no teatro ou no cinema isto não é possível. No teatro tradicional, o ator é a sua personagem só no palco, fora, na vida, ele continua ser aquilo que ele é, não pode continuar a ser a sua personagem... isso seria completamente insano. Na performance o performer é o

homem (ou mulher), é ele/a mesmo no palco e na vida. O centro de tudo é o corpo e a voz, noutras palavras, o tempo.

Que papel considera que o público tem no seu trabalho, e qual a sua importância?

O público tem um papel importante no meu trabalho. A arte para mim é relação. Não acredito no facto que um artista seja capaz de criar a partir só do seu desejo de autoexpressão. O artista antes de tudo é homem (mulher), um homem (mulher) que nasce numa comunidade... por isso nós somos colocados originariamente em relação. Tendo em conta isso, a arte é doação, amor. A arte é um serviço que o artista oferece à comunidade. Porque eu acredito no facto de que a arte pode tornar-se num meio para chegar à consciência, mas sobretudo à felicidade. A arte é beleza e a beleza enobrece e cura o homem, libera-o das restrições impostas pelas leis da natureza, morais e espirituais. Na prestação deste serviço, o artista simplesmente está a expressar a sua visão sobre o mundo, não está a ensinar nada, o artista não tem que dar-nos nenhum ensinamento. O artista tem só que incarnar a vida.

Por motivos de saúde, e questões pessoais, deixou de trabalhar ao vivo, e passou a trabalhar em vídeo, de um modo mais solitário e intimista. De que modo é que isso influenciou o seu trabalho, e a sua visão e relação de e com aquilo que faz?

Deixei de trabalhar ao vivo, na área da improvisação livre que em si incorporava também elementos de performance art e vídeo, por problemas de saúde e questões pessoais, mas também porque senti num certo ponto da minha vida uma forte exigência de ter mais tempo a disposição para refletir sobre certos conteúdos. Gostava e gosto ainda do universo da improvisação livre, mas nunca me senti totalmente à vontade com a total anarquia que constitui este mundo. A escolha que eu fiz tratava do meio mais que tudo, porque o meu trabalho em si sempre partiu da profunda necessidade de restituir ao mundo o seu mistério e ao homem a sua dignidade.

Durante os seminários nas Unneeded Conversations, falou da arte como algo em que as regras são importantes. Quais são as suas regras para a criação das suas performances e dos seus vídeos? E qual a sua posição em relação à edição ou não edição dos mesmos depois da performance?

Sim, as regras são fundamentais em tudo, não só na arte. Para mim as regras não têm uma função de repressão mas de orientação. As regras são fundamentais para indicar, endereçar, para aprender a fazer uma determinada coisa, para gerar ordem. Na arte as regras estão presentes na natureza do artista em si, do homem que ele é. As minhas regras... tenho várias... muitas! não mentir, não ensinar nada a ninguém, não fazer e dar espetáculo, não demonstrar, não prostituir-se ao mercado, ser leal e honesta com o compromisso que assumi, respeitar a vida, não pretender a beleza, não levar demasiado as coisas seriamente, ser fiel a mim mesma, à unicidade e originalidade do meu eu, valorizar a singularidade e a diferença das pessoas e dos lugares, perdoar, doar, ouvir os outros, ser fiel aos outros, doar amor

incondicionalmente, fazer arte como jogo, não tornar a arte como único prazer da vida, saber renunciar à profissão de artista pelo amor pela vida e portanto da arte, aceitar o juízo dos outros, etc.

Pensa o vídeo como a obra, ou a documentação da obra?

Em geral penso que quando a ação performativa é dirigida a uma câmera de vídeo, o vídeo acaba ser também obra de arte, mas isso só se existe uma intenção artística da parte do autor de transformar este vídeo numa obra de arte.

No mesmo seminário disse a seguinte frase “Vestido como a pele do performer.” Na maioria das suas obras, ou está vestida de preto ou de branco, estas cores têm para si alguma significação específica?

Sim o vestido é como se fizesse parte da pele do performer. O branco e o preto só para mim simplesmente as duas caras da mesma medalha: a vida.

O que pensa sobre a relação entre o corpo e o vídeo, e questões de autorrepresentação?

Hoje em dia a arte está ficar cada vez mais como ostentação do artista, puro exibicionismo. A arte já não transmite valores porque o artista cada vez mais está preocupado com a sua imagem, em obter o reconhecimento de si em forma de sucesso e de popularidade e não de relação. O artista cada vez mais põe de lado a sua responsabilidade pessoal e a sua participação, primeiro como homem e depois como artista, no processo histórico. Pensa que para poder dizer algo de articulado no seu trabalho, basta especializar-se. O artista hoje em dia é um pesquisador, um predicador, um cientista, um intelectual, um político... praticamente tudo fora do que é um artista! Porque ele pensa em tudo menos em atingir o belo. Confesso que por esta razão, são poucas as obras de arte contemporânea de que gosto.

Qual a sua opinião sobre o papel da beleza na arte contemporânea?

Para mim existem duas formas de arte... a arte objectiva e a arte subjetiva. Mas nós hoje em dia misturamos tudo, já não vemos as diferenças, pomos tudo no mesmo plano. A arte subjetiva é reprodução mecânica, imitação da natureza ou de outros artistas, tentativa de originalidade, simples fantasias. Tudo é subjetivo e acidental, ou seja baseado nas associações: as impressões acidentais do artista, a sua criação, as percepções do público. No artista “cria-se” ou seja algo se cria sozinho. O artista é à mercê das ideias, dos pensamentos, dos humores que ele mesmo não percebe e sobre os quais ele não tem nenhum controlo. Eles dominam-no e exprimem-se em formas diferentes. Tudo é variável, tudo é indeterminado. Na arte objectiva nada é acidental, seja do lado da criação que do lado da recepção. Tudo é matemático. O artista sabe e compreende a mensagem que ela quer transmitir. Por isso a sua obra não produz impressões diferentes. Na arte subjetiva o artista “cria” e a sua ação sobre o público é precisa, a impressão é a mesma a condição que os

espectadores sejam ao mesmo nível humano, espiritual. o artista transmite as suas ideias através determinados sentimentos que ele levanta conscientemente e sistematicamente, sabendo o que faz e porque o está a fazer.

Eu avalio a arte a partir da sua consciência. Para fazer uma arte subjetiva e senti-la, eu acho que é preciso uma grande unidade interior e um grande controlo de si. Neste sentido, vejo o artista como criador de valores e de beleza, daquela beleza que tem a poesia, a verdadeira poesia, da beleza que nos doa o jogo livre e incondicionado da fantasia. Hoje em dia de frente a uma obra de arte estamos mais preocupados no perceber o que ela exprime, se é original, se é nova. E não, se é bela. E hoje em dia a beleza é um fator totalmente subjetivo... hoje em dia já não sabemos o que é belo! A essência da beleza é o mistério, a maravilha... O compromisso do artista é doar a vida magia e mistério, mas não... hoje somos todos vitimas de um pensamento neutral e racional. O artista tem que demonstrar... o artista tem que explicar... quando a arte em si não é demonstração... a arte incarna a vida! A arte não pode ser explicada... A arte não pode ser interpretada! A arte não é pesquisa! Gosto muito esta frase do Picasso "eu não busco, eu encontro".

Qual a importância de termos como a memória, o tempo e os lugares na sua obra?

A minha arte incarna a vida... e da vida fazem parte os lugares, as pessoas, as memórias, os valores, etc. Através da minha arte quero partilhar a verdade sobre o nosso destino comum partindo da minha experiência e da minha maneira de sentir. A vida é tempo que por sua vez significa finitude, que por sua vez significa relação, que por sua vez significa compromisso.

A sacralidade e o ritual estão presentes em trabalhos como "Moroloja" e "A Esposa", pode falar um pouco sobre como é que estas duas palavras estão relacionadas com o facto de ser mulher e com a feminilidade?

Se analisarmos a história, muitas vezes a figura da mulher foi associada à figura da piedade, à dimensão piedosa da mulher como ajuda, como recepção, como figura maternal. Essa figura piedosa, maternal é desde sempre associada ao feminino.

Qual a importância da música, da voz e dos sons do corpo humano no seu trabalho?

O meu trabalho consiste no encontrar um equilíbrio que permite a expressão unificada das emoções, das ideias e da forma através o som e a imagem. O som para mim tem a mesma importância da imagem. O som não é o complemento da imagem. O som não é uma plana ilustração da imagem. Por isso eu defino os meus trabalhos de tipo audiovisual. A imagem para mim é tempo e é sagrada. A minhas composições sonoras têm como base as field recordings (gravações sonoras de campo). As minhas gravações consistem no registo da minha voz cantada e gravada no lugar onde o meu projeto se está a desenvolver, as vozes das pessoas com que trabalhei; o som do lugar; a minha interação com os objetos sonoros

que encontrei no lugar; a interação do meu corpo no lugar; música tradicional, etc., etc. De qualquer forma, seja o trabalho com o vídeo que com o som, o meu desafio está em criar algo que respeita a especificidades dos lugares e das pessoas; algo que captura a atmosfera e o estado de ânimo que quero transmitir nos meus trabalhos. Em geral a minha maior preocupação desde sempre é encontrar a maneira melhor para expressar o meu mundo interior na maneira mais honesta e responsável possível. Eu acho que para atingir a autenticidade, a verdade, a verosimilhança é importante instaurar uma ligação orgânica entre as impressões subjetivas do autor e a representação objectiva da realidade. Isso é possível através da poesia, que não é fuga da realidade.

Quais as suas maiores referências a nível artístico?

As minhas maiores referências... todos aqueles homens e mulheres com que eu partilho a mesma visão do estar ao mundo, que entenderam a arte como desafio, como maneira para atingir a realização da própria humanidade, que lutaram pela verdade...